

Life is a game — Texto de introdução à série "Anconette del cuore"

A vida é um jogo independente da razão,
atravessa os limites físicos da realidade para desaguar no espírito.
A vida é um jogo livre, e a arte é um brinquedo
que abandona o papel de fetiche
para regressar à sua natureza lúdica e sacral,
porque só o jogo "sério" (o jogo jogado pelas crianças)
sabe elevar-nos àqueles cumes de beleza e santidade
vedados à razão.

Não devemos levá-la demasiado a sério, é apenas a nossa vida,
uma dança com muitos tropeções,
uma fúria cheia de carícias,
um sublime jogo que não se pode perder.

Se todo o nosso constructo social, cultural e artístico nasce em primeira instância como
jogo, podemos imaginar que jogar e viver sejam a mesma coisa.

A vida é o jogo de não saber nada,
de onde se vem e para onde se vai,
um jogo open world e open outcome.

Jogar deveria ser o primeiro mandamento, a Itália deveria ser uma
república fundada na coragem de jogar à vida.

Em Toy Story 2, o Zé Prospector é um boneco velho garimpeiro que nunca foi tirado
da sua caixa original, nunca viveu, e vê a sua exposição no museu
de Tóquio como única possibilidade de redenção para a sua existência.

Se não jogarmos a nossa vida,
ninguém poderá gozá-la,
nem sequer depois,
mesmo se conservada em óptimo estado,
nunca usada.

O jogo e o brinquedo são uma metáfora do nosso poder sobre o mundo que nos rodeia, a

lembrança de sermos onnipotentes e criadores do futuro que nos espera.

Os pequenos retábulos que realizei são escrínios do nosso jogar passado, em perene lembrança de termos sido crianças, de nos termos criado a nós próprios em torno daquela criança que ainda habita em nós.

Os pequenos retábulos são escrínios de memórias, janelas espaço-temporais capazes de parar o tempo num instante preciso, num momento de íntima contemplação e meditação.

Podem prestar-se a conter objectos do proprietário ou ícones de um tempo que já não existe; são caixas do tempo passado, ícones imortais, votos a divindades profanas, bandeirinhas na linha do tempo, ex-votos, com imagens, música, perfumes, palavras, sussurros; são sugestões, evocações do tempo passado.

A sua sacralidade está em nascerem fechados, secretos, ocultos aos olhos de todos excepto aos nossos. O seu interior, dourado e lacado, representa o coração, a criança dentro de nós, a música e o som daquele sopro de tempo da nossa vida.

Os pequenos retábulos são cofres das memórias do coração.

A caixa que contém o nosso coração sofreu as intempéries da vida, como a igreja românica; a caixa que contém o nosso coração não tem nada de belo, está enferrujada, e só com a chave certa é possível abri-la.

O culto surgiu e cresceu como jogo sagrado, a poesia nasceu no jogo e continuou a viver em formas lúdicas, música e dança eram jogo puro, sabedoria e saber manifestaram-se em certames sagrados, as convenções da vida nobre baseavam-se em formas de jogo; a cultura nas suas fases originárias é jogada, a cultura desenvolve-se no jogo e como jogo.

Johan Huizinga

Depois de terdes tido o vosso filho nos braços amorosamente, sereis capazes de olhar em profundidade.

Thich Nhat Hanh

Visualizai-vos como uma criança de cinco anos, e convidai essa criança a estar convosco, aquele menino ou menina que ainda está vivo em vós

Thich Nhat Hanh

Uma coisa que não contém nem utilidade nem verdade, nem um valor de comparação, e que também não tem faculdades danosas, deve ser julgada do melhor modo segundo a graça que tem e o prazer que dá.

Um tal prazer é o jogo.

Platão

No diálogo platônico *Nomoi* (As leis) diz-se: [...] o homem [...] é apenas um brinquedo fabricado pelos deuses, e na verdade esta é a sua melhor parte. Em consequência desta concepção, todo o homem e toda a mulher devem viver jogando o melhor possível este jogo.

Platão

Onde quer que se trabalhe e se produza, não estamos junto das divindades e não somos nós próprios divinos. Os deuses não produzem, nem trabalham.

Byung-Chul Han

No meio da crise financeira, na Grécia aconteceu algo que parece um sinal vindo do futuro. Um grupo de crianças descobriu um grande maço de notas numa casa em ruínas e deram-lhe um uso completamente novo: puseram-se a brincar com elas e a rasgá-las.

Estas crianças anteciparam de certo modo o nosso futuro: o mundo está em ruínas. Entre estas ruínas, nós brincamos — como aquelas crianças — com notas, e rasgamo-las. Aquelas crianças gregas profanam o dinheiro, o capital, o novo ídolo, dando-lhe um uso totalmente outro, ou seja, brincando com ele. A profanação transforma de repente o dinheiro, hoje tão fetichizado, num brinquedo.

Byung-Chul Han

Qui nolet fieri desidiosus, amet.
(Quem não quiser tornar-se indolente, ame.)

Luca Motolese · Torino 2018

motolese.com — Texto original em italiano